



ANDORINHA

Brigue Escuna

Incorporação: 30 de janeiro de 1838.

Baixa: 17 de julho de 1858.

Embarcação de madeira e propulsão a vela, aparelhada a brigue-escuna, comprada no Rio de Janeiro. Media 79 pés de comprimento; 21 de boca e 11 pés e 4 polegadas de pontal. Era artilhada com duas peças, colubrinas de calibre 18 e duas coronadas de calibre 6. Era equipada com 50 praças.

Em junho de 1832, encontrava-se estacionada em Santarém, no Pará. Armou em transporte a 30 de janeiro de 1838, assumindo a 31 o seu comando o Capitão-Tenente Francisco Romano da Silva. Saiu para a Bahia a 2 de fevereiro do mesmo ano levando o Marechal Curado que ia combater a Sabinada (1837 a 1838). Em novembro de 1838, levou para o Rio de Janeiro 50 praças e regressou a Belém a 19 de março de 1839; saiu a 24 do mesmo mês e regressou a 19 de abril. A 22 do dito mês, devia partir para Santa Catarina com a Escuna *Legalista*. Zarpou a 23 de maio e regressou a 30. Entrou em fabrico, que concluiu em junho. A 25 desse mês, foi armado em guerra. Calava 9,5 pés. Partiu para o Sul a 30 de julho e regressou a 6 de maio de 1839. Zarpou para o Rio Grande em 12 de maio e estava de volta ao Rio de Janeiro a 30 de junho de 1839. Partiu para o Sul a 21 de julho.

Em agosto de 1839, entrou no bloqueio da Laguna; a 19 de outubro, em frente à Ilha dos Lobos; arribou ao Desterro a 29, regressando a linha do bloqueio a 31. A 2 de novembro, avistou cinco barcos. A 3 de novembro de 1839, com o Patacho *Patagônia* e a Escuna *Bela Americana*, atacou os “navios farrapos”, comandados por Garibaldi, em Imbituba, tomando uma presa e obrigando outra a dar à costa.

Depois do Combate de Laguna, a 15 de novembro de 1839, regressou para o Rio Grande do Sul, onde participou da investida contra São José do Norte. O combate foi demorado, durando até o dia 5 pela manhã. A 16 de julho de 1840, os republicanos rio-grandenses atacaram e se apoderaram da Vila de São José do Norte. O Comandante do *Andorinha*, Romano da Silva, relatou na parte oficial: “Procurando aproveitar esta ocasião



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



para prestar maiores serviços, por não poder o brigue-escuna, de seu comando, mover-se, como o Lanchão *Torres*, foi para a terra com um piloto e um soldado de artilharia deixando ordem ao seu imediato para lhe mandar na lancha os demais soldados, para com estes guarnecer uma das peças das trincheiras; porém, quando o imediato mandou a terra buscar a lancha, que na véspera ficara encalhada para limpar, já não a se pode tirar por causa do fogo dos rebeldes, e por isso não foram os soldados, como lhe havia ordenado seu infeliz comandante. O soldado foi encontrado morto em terra, do piloto há indícios de que morrera afogado, mas do comandante (Romano) não há o mais leve vestígio. Houve quem o visse ainda fazer fogo com suas pistolas; mas carregando a cavalaria rebelde com grande força sobre a Rua da Alfândega da vila, ninguém mais o viu e presume-se que viera intervalado com essa força rebelde e que caíra morto ao mar em cima da estacada”.

A 3 de março de 1840, tinha como comandante o Primeiro-Tenente Guilherme Parker. Regressou o navio ao Rio de Janeiro a 29 de maio de 1841. A 14 de junho, assumiu o seu comando o Primeiro-Tenente Joaquim Rodrigues da Costa. Partiu a 1^o de julho e regressou. Passou Mostra de Desarmamento a 14 de fevereiro de 1842; e de Armamento a 12 de abril do mesmo ano, quando assumiu seu comando o Capitão-Tenente Antônio José Francisco da Paixão. Zarpou para os portos do Norte a 3 de maio e regressou a 30 de junho. Velejou para o Espírito Santo em 25 de julho e regressou a 12 de março de 1843.

Passou Mostra de Desarmamento por Aviso de 30 de março de 1843, sendo sua guarnição transferida para o Brigue-Escuna *Pirajá*. Em maio, entrou em fabrico pelo Arsenal. Por Aviso de 5 de setembro de 1843, armou em Transporte. Zarpou para Montevideú em 19 de novembro e regressou ao Rio de Janeiro a 16 de janeiro de 1844; partiu a 24 de abril e regressou de Montevideú a 22 de junho; partiu a 22 de julho e entrou a 9 de setembro; partiu a 24 do dito mês e estava de volta a 7 de novembro. Em 1845, entrou em fabrico.

Passou Mostra de Armamento a 1^o de outubro de 1845 e em seguida zarpou para a Bahia, a 19, com o Comandante Antônio Alves dos Santos, só regressando ao Rio de Janeiro a 23 de julho de 1846. Nesse intervalo, teve como comandantes o Primeiro-Tenente Antônio Alves dos Santos, e o Capitão-Tenente Rafael Mendes de Moraes e Valle. Zarpou a 7 de outubro de 1846, para o Cabo da Boa Esperança, regressando a 19 de dezembro. Em 1847,



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



entrou novamente em fabrico. Saiu a 11 de fevereiro de 1847 e regressou da Bahia a 8 de fevereiro de 1848. Por Aviso de 11 de agosto de 1847, tinha sido nomeado seu comandante o Capitão-Tenente Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Partiu a 2 de março de 1848 para Montevideú, de onde regressou a 15 de abril. Zarpou a 22 de maio para a Bahia e Pernambuco e regressou a 23 de agosto de 1850. Por Aviso de 19 de abril desse ano, mandou-se conservá-lo armado em transporte durante o fabrico. Por Aviso de 17 de fevereiro de 1849, tinha sido nomeado seu comandante o Primeiro-Tenente Luiz da Cunha Moreira Jr.

Por Aviso de 14 de outubro de 1850, foi mandado considerar armado em guerra. Partiu para cruzar a 21 de outubro e regressou a 22 de janeiro de 1851; tornou a zarpar a 24 do dito. A 2 de fevereiro, fez encalhar na Praia da Marambaia dando-lhe porfiada caça um Patacho que conseguira desembarcar escravos africanos. Foi coadjuvado na caça pela Corveta *Bertioga*. Foram capturados nas matas próximas 90 escravos. Regressou ao Rio de Janeiro a 11 de fevereiro do dito ano. Velejou a 22 de março e regressou a 6 de maio.

Em 8 de maio de 1851 assumiu seu comando o Primeiro-Tenente Bonifácio Joaquim de Sant'Anna. Partiu a 17 de junho a cruzar e entrou a 22 de julho, e suspendeu a 16 de agosto a cruzar e regressou a 21 de setembro. Partiu em comissão a 8 de outubro e regressou a 13 de abril de 1852, de Santa Catarina. Por nomeação de 30 de setembro de 1851, tinha sido nomeado seu comandante o Primeiro-Tenente João Gualberto de Andrade Maia. A 4 de abril de 1852, fez-se de vela do Porto do Desterro. Zarpou a 2 de junho de 1852 para a Estação Naval do Norte, no Maranhão.

Em 29 de setembro de 1852, foi nomeado seu comandante o Primeiro-Tenente Pedro Thomé de Castro Araújo, e o Segundo-Tenente José Rodrigues de Sousa, interinamente, como oficial imediato. Por Aviso de 8 de março de 1855, foi colocado à disposição do inspetor do Arsenal do Pará, a fim de servir de quartel à Companhia de Aprendizes-Marinheiros, o que se efetuou a 3 de maio do mesmo ano. Por ofício do oficial-maior, de 17 de julho de 1858, foi comunicado que se mandara desmanchar o casco do Brigue-Escuna *Andorinha* pelo seu estado de ruína.